REFAZENDO OS PERCURSOS DO CONCEITO DE TERRITÓRIO PARA ENTENDER OS TERRITÓRIOS PRODUZIDOS PELA JUVENTUDE

TOLEDO, J. A.C[1]

Resumo

O conceito de território tem estado em grande evidência nos estudos geográficos contemporâneos, inclusive nas discussõesenvolvendo agentes e sujeitos inseridos em dinâmicas de pequena escala e isso só se faz possível a partir dos novos modos de pensar e se trabalhar tal conceito. Assim,propõe-se discutir estas novas perspectivasentendendo como de grande valia as discussões fundadas no territóriopara o entendimento das dinâmicas cotidianas nasquais se inserem o sujeito jovem.

Palavras chave: grupos, jovens, território.

Abstract

The concept of territory has been in great evidence in the contemporary geographical studies, including discussions involving agents and subjects placed on a small scale dynamics and it is only possible through new ways of thinking and working that concept. Therefore, it is proposed to discuss these new perspectives, highlighting the importance of territory-based discussions for the understanding of the everyday dynamics in which the young are into.

Keywords:groups, Young, territory**.**

INTRODUÇÃO

O conceito de território é remotamente discutido na geografia e atualmente vem sendo muito debatido na disciplina. Sua emergência se deu com as propostas de Ratzel (século XIX), que traz para a geografia e as ciências humanas um conceito que até então estava presente apenas nas discussões das ciências de cunho natural.

[1] Graduada e mestranda em Geografia pela Universidade federal de Juiz de Fora. Email: juliana_cantarino@yahoo.com.br.

As discussões conceituais do território na perspectiva ratzeliana em muito o atrelava a necessidade de reprodução social e do Estado, concepção essa bastante distinta das propostas atuais. Valeressaltar, no entanto, que os contextos sociais atuais também se diferem, assim como os modos de pensar das ciências.

Dessa forma, tal conceito ganha novos significados na atualidade, sendo concebido sob novas perspectivas. Essa nova conotação vai atribuir ao conceito discussões envolvendo agentes e poderes não institucionalizados, e é aí que entram em cena grupos e agentes cujas dinâmicas sucedem em escalas diminutas como grupos juvenis, escolas, igrejas, entre outros agentes.

O presente trabalho se desenvolveu a partir de revisão bibliográfica buscando compreender as distintas abordagens do conceito de território ao longo do tempo possibilitando sua compreensão em múltiplas escalas, uma abordagem atreladas a outros agentes e não apenas vinculada ao Estado-Nação. Tem como como objetivo entender a partir das novas proposições dadas ao conceito o sujeito jovem como produtor de territórios.

PERCURSOS DO CONCEITO DE TERRITÓRIO NA GEOGRAFIA: UMA INTRODUÇÃO

O conceito de território esteve ao longo da história da geografia atrelado ao Estado. A partir de meados do século XX difundiram-se questionamentos, gerando entraves acercado modelo que definia os parâmetros do conhecimento científico. Este movimento também ocorreu na geografia, e seria o então movimento de renovação dessa ciência. Passa-se então a ter relevância à subjetividade, a intersubjetividade, o conhecimento experiencial e indutivo como válidos na construção do conhecimento acadêmico.

De acordo com Saquet (2006), a partir da década de 1950, mais precisamente e significantemente a partir de 1970, a geografia passa por um momento de renovação, quando as discussões acerca do conceito de território são retomadas. No entanto, no Brasil essa retomada ocorre a partir dos anos 1980, ficando até este momento voltadas para o conceito de espaço geográfico.

Concordando com essa renovação do pensamento geográfico, conceitos da geografia também são resignificados, dentre esses, o conceito de território. Adota-se uma perspectiva mais humanista das relações sócio-espaciais, surgindo então a necessidade de uma releitura do que vinha sendo discutido. Esta perspectiva de estudo do território abarca, sobretudo,

territórios onde agentes e poderes não são institucionalizados. Dessa forma, são visados, nestes trabalhos, territórios onde agentes são indivíduos ou grupos, envolvidos em dinâmicas de pequena escala.

Tal renovação se dá, em grande parte, ainda segundo Saquet (2006), em consequência dos estudos de Raffestin. São apontados ainda, como marcos fundamentais desse processo, importantes obras como as de Gilles Deleuze e Felix Guattari, Robert Sack, Angelo Turco e outros. No Brasil, o autor aponta como importantes estudiosos e que contribuíram e contribuem com seus estudos sobre o conceito os autores Milton Santos, Rogério Haesbaert e Marcelo Lopes de Souza.

A importância de Raffestinestá no caráter político que o autor dá ao território, especialmente por sua crítica àalusão das concepções de poder centradas na atuação do Estado, e a proposição de outras formas de poder para o poder além do Estado.

Assim, para o autor, "em graus diversos, em momentos diferentes e em lugares variados, somos todos atores sintagmáticos que produzem 'territórios'". (RAFFESTIN, 1993:152). O território é então compreendido e delimitado por e a partir de ralações de poder. A vista disso, a partir de sua concepção de pensar e propor o território, o poder se encontra nas atuações estatais e também em outras instituições e relações sociais que efetivam a vida cotidiana: ao ampliar as formas de poder, ampliam-se também as formas de territorialização.

Outro autor também detentor de larga contribuição para a resignificação do conceito de território e territorialidade é Robert Sack, que ao trazer a consideração de que territorializar é controlar e também restringir acessos e ações, estendendo-os do âmbito familiar a uma porção da nação estende o território a diversas escalas.

As contribuições supracitadas permitiram então pensar o conceito de território dessemelhante da concepção clássica (ratzeliana) de território nacional, onde a unidimensionalidade com que o poder é entendido, deslegitima uma série de outros poderes inerentes às relações sociais. A partir de então, concebe-se o território a partir de relações sociais, de poder e dominação, o que denota a compreensão de diferentes territorialidades e modos de apropriação do espaço.

É importante pensar, portanto, que o território não pode ser compreendido como algo dado, mas algo construído. Tal construção se faz a partir das relações cotidianas que envolvem modificações dos seus atores (sujeitos sociais) e de sua base material, sendo assim, não se faz presente a compreensão e estudo do território de maneira desassociada do espaço,

conceito também resinificado na fase renovadora da Geografia, e compreendido como produto das relações sociais.

Em "Dos múltiplos territórios a multiterritorialidade" (2008), Haesbaert discorre sobre o conceito de território, ressaltando a importância de compreendê-lo para o posterior entendimento do que vem a ser territorialidades e modos de apropriação do espaço, de territorialização dos sujeitos. Assim a longa citação adiante inicia tais discussões: Desde sua origem, o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece de terra-territorium quanto de térreo-territor(terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-politica) da terra e com a inspiração do terror, do medo especialmente para aqueles que, com esta dominação, ficam alijados a terra, ou no "territrium" são impedidos de entrar. Ao mesmo tempo, por extensão, podemos dizer que, para aqueles que tem o privilégio de usufruí-lo, o território inspira a identificação (positiva) e a efetiva "apropriação" (HAESBAERT, 2007:20).

Território, dessa forma, em quaisquer apresentações, se relaciona a poder, mas não somente a concepção clássica de "poder político": diz respeito tanto ao poder no sentido mais efetivo de dominação, como também às formas de poder simbólicas, de apropriação, podendo ser compreendido, desse modo, a partir de uma perspectiva mais jurídico-política, referindo-se a dominação real de um espaço, ou a partir de uma perspectiva mais simbólica, onde os sujeitos se apropriam de um dado espaço, constroem sua identidade com ele, produzindo-o e mantendo-o.

Desse modo, podemos compreender que um determinado conceito adquire compreensões distintas à medida que se re-ssignificam os contextos históricos /sociais nos quais se inserem seus indivíduos e agentes, como o conceito de território, que assume diferenciados significados ao se conformar com os objetivos e modos de apropriar e pensar o espaço ao longo do tempo. Em conformidade com tal colocação, Haesbaert (2004:5) discorre sobre a historicidade do território e sua variação conforme o contexto histórico e geográfico: "[...] As sociedades tradicionais conjugavam a construção material ("funcional") do território como abrigo e base de "recursos"". Mais adiante, coloca autor, "[...] na sociedade "disciplinar" moderna [...] vigorava a funcionalidade de um "enclausuramento" individualizante através do espaço [...]". Enquanto nas sociedades de controle o que vigora é o controle da mobilidade.

Tais afirmações permitem-nos, então, mais uma compreensão acerca do olhar sobre os múltiplos territórios que se desdobram no contexto atual, especialmente a partir da

compreensão do território não apenas em sua materialidade, mas fruto da apropriação dos múltiplos sujeitos.

Como já dito anteriormente, o conceito de território não adquire uma uniformidade quanto ao seu entendimento e abordagens. Haesbaert, em seu "O mito da desterritorialização", aponta três perspectivas basilares nas quais o território é compreendido: a econômica, a política e a cultural. A releitura do território está no interior desta última concepção, uma vez que é priorizada uma dimensão mais simbólica e subjetiva do território, entendido como produto da apropriação/valorização simbólica de um determinado grupo ao espaço o qual se insere. O que funda estes territórios é a interação diária entre os sujeitos e a relação destes com o espaço, incorporando o que chamamos de territorialidade, estreitamente ligada ao modo como os indivíduos utilizam, organizam e dão significado ao espaço que habitam.

OS TERRITÓRIOS COMO PRODUTO DA JUVENTUDE

Entendendo o território como fruto da apropriação de um dado espaço pelos sujeitos que nele se inserem, é valioso o entendimento dos múltiplos territórios produzidos pelas "juventudes". Logo, falar em território na perspectiva que se busca aqui empregar o conceito refere-se a sua relação com o espaço geográfico, pelo modo como um determinado grupo social se apropria desse espaço, seja esta apropriação perdurável ou fugaz, e a partir desta insere-se nesse espaço marcas de suas particularidades e as comunica com outros grupos, com os quais estabelece negociação territorial.

É importante ressaltar que não se pretende afirmar aqui que o território destitui a materialidade do espaço sobre o qual se configura, ao contrário, essa materialidade se insere como possibilidades que o sujeito tem de se territorializar ou não neste ou naquele local. Por materialidade compreende-se tanto o espaço físico, quanto as relações que dão conteúdo e movimento à vida, em especial a urbana.

Quando se fala em "juventudes" entra em ação o entendimento desta como uma categoria sócio-histórica, e não se faz possível pensá-la no plano individual, mas em sua multiplicidade, pois os múltiplos contextos em que se inserem o jovem sejam relacionados à classe social, religião, cultura, determinam distintas juventudes.

Nesse sentido, sucedem diferentes grupos de jovens e esses com suas práticas cotidianas calcadas nos espaços, tempos e contextos em que estão inseridos. Assim, como afirma (MENDES; CASSAB, 2011:3) "[...] o jovem é um sujeito social, que se produz e

reproduz na própria realidade". Sendo assim, os distintos modos de ser jovem e se apropriarem dos espaços dão origem aos múltiplos territórios tecidos por esses jovens.

A Juventude é também um momento em que o terreno familiar não é mais o único lugar onde os jovens constroem seus vínculos. Nesta fase da vida, os jovens partem em busca de experiências em outras redes de sociabilidade, entrando de forma mais ativa na vida pública, sobretudo o jovem urbano, pois "a configuração da cidade se monta em uma confluência de histórias que são contíguas [...], vidas paralelas sem pontos de conexão entre os protagonistas de distintas realidades" (CACHORRO, 2011:228)[2]. Durante a juventude eles constroem suas identidades e estabelecem novos vínculos sociais, com inflexões diversas, e não mais apenas a familiar.

Nesse aspecto, compreende-se o sujeito jovem como sujeitos sociais que se territorializam. É nesse estágio da vida que o jovem começa a trilhar seus caminhos que, partem de seus lares em busca de diversão, de trabalho, de novas amizades. O território apresenta-se então como o lugar do cotidiano, das experiências e da construção de práticas coletivas desses sujeitos.

Assim, é no território, fruto da apropriação desses jovens, que os mesmos experimentam a vida cotidiana e efetuam ações. Vale mais uma vez lembrar que distintas as juventudes permitem conceber múltiplos territórios, uma vez que se apropriam de diferentes espaços e de espaços de diferentes modos. Logo, cabe refletir acerca das territorialidades juvenis e na sua importância no que toca a construção das identidades desses sujeitos bem como de seus projetos de vida.

É também valioso pensar na importância do território sob a perspectiva do habitar, da identificação do jovem com o seu local de moradia, constituída a partir da apropriação e identificação deste com a sua casa, com o seu bairro, já que é a partir do local de moradia que o sujeito jovem irá dar seus primeiros passos na busca por novas relações sociais. Ao construírem seus vínculos sociais no bairro que habitam, se apropriam da dinâmica, da história e dos acontecimentos cotidianos do lugar, influenciando de forma determinante na constituição de sua identidade. Assim, como afirma Carlos:

O habitar implica um conjunto de ações que articula também planos e escalas espaciais (o público e o privado; o local e o global) que envolve a vida que se realiza pela mediação do outro, imerso numa teia de relações que constrói uma história particular, que é,

[2]La configuracion de La ciudad se monta em la confluência de historias que son contiguas [...], vidas paralelas sinpuntos de conexión entre lós protagonistas de distintas realidades. Tradução do autor.

também, uma história coletiva, onde se insere e ganha significado a história particular de cada um. A articulação entre o público e o privado se coloca como condição necessária da constituição do sujeito coletivo, como da constituição da vida (CARLOS, 2003, s/p).

Posto isso, é fundamental pensar na importância do território, desde a apropriação e identificação dos indivíduos e do grupo com o seu local de residência, da construção de uma identidade territorial e social com esse, como também nas consequências da perda destes vínculos construídos por estes indivíduos com estes espaços.

Em síntese podemos inferir que os diferentes grupos juvenis ao terem suas experiências influenciadas pelos espaços, tempos e contextos em que estão inseridos dão sentido a sua vida a partir da apropriação dos espaços e produção de seus territórios, e ao mesmo tempo produzem nas suas ações e idas e vindas diárias múltiplos territórios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de território ganhou novos significados ao longo do tempo, especialmente a partir da década de 1960, quando aparecem abordagens mais específicas e cientificamente sistematizadas sobre o tema. Como já mencionado anteriormente, a partir de Haesbaert (2008), tal conceito se apresenta em três principais abordagens: econômica, jurídico-política e cultural, tendo ainda relevância a abordagem natural, mais adotada pela biologia. Portanto, o conceito de território não adquire uma uniformidade quanto ao seu entendimento.

As novas abordagens em que se reproduziu o conceito, dedicadas a uma análise voltada para uma dimensão mais cultural/simbólica, permitiram pensar territórios não institucionalizados, pensar territórios fundados no cotidiano, auxiliando, por exemplo, na apreensão de fenômenos que norteiam a organização do espaço, a multiplicidade dos usos do espaço. A apropriação de um determinado espaço se encerra a partir do momento que determinado indivíduo ou grupo o representa para si e para os demais, é a ação do sujeito. O território apresenta-se neste cenário como a mediação entre atores sociais que, dialeticamente, desenham seu movimento no espaço.

É importante ressaltar que devido a sua flexibilidade, o conceito de território pode exercer papel preponderante, no entanto, é importante considerar que a sua complexidade exige exercício continuo de análise e atualização por parte dos que o trabalham.

REFERÊNCIAS

CACHORRO, G.A. Ciudad, cuerpo y vida cotidiana. Materiales teóricos de uma investigación em La ciudad de La Plata. *Movimento*, Porto Alegre, V.17, n.04, p. 225-246, out/dez 2011.

CARLOS, A. F. A. A questão da habitação na metrópole de São Paulo. *Scripta Nova – Revista Electrônica de Geografía y Ciencias Sociales*, Barcelona, v. VII, n. 146(046), ago. 2003.

HAESBAERT, R. Dos múltiplos territórios a multiterritorialidade. In: HEIDRICH, A.; COSTA, B.; PIRES, C.; UEDA, V. (Org). *A emergência da multiterritorialidade:a ressignifcação da relação do humano com o espaço.* Canoas/Porto Alegre: Editora ULBRA/Editora UFRGS, 2008. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>. Acesso em: 2 jun 2015.

HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização:* do "fim dos territórios" a multiterritorialidade.Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, R. Territórios e multiterritorialidade: um debate. *RevistaGEOgraphia*, Rio de Janeiro, Ano IX, n.17, p.19-45, 2007.

MENDES, J. T. N; TORRES, C. C. Juventude e seus territórios usados: um estudo em Campos dos Goytacazes. *Anais*... V Jornada Internacional de Políticas Públicas, São Luís, ago. 2011. Disponível em: <http://www.ufjf.br/nugea/files/2010/09/Jornada-Maranhao.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2015.

RAFFESTIN,C. *Por uma Geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.
RATZEL, F. Geografia do homem. In:MORAES, A. C. R. (ORG). *Ratzel*.São Paulo: Ed. Ática, 1990.

SACK, R. *Human Territoriality*: Its theory and history. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SAQUET, M. A. Proposições para estudos territoriais. *GEOgraphia*, Rio de Janeiro, Ano VIII, n.15, p.71-85 ,2006.